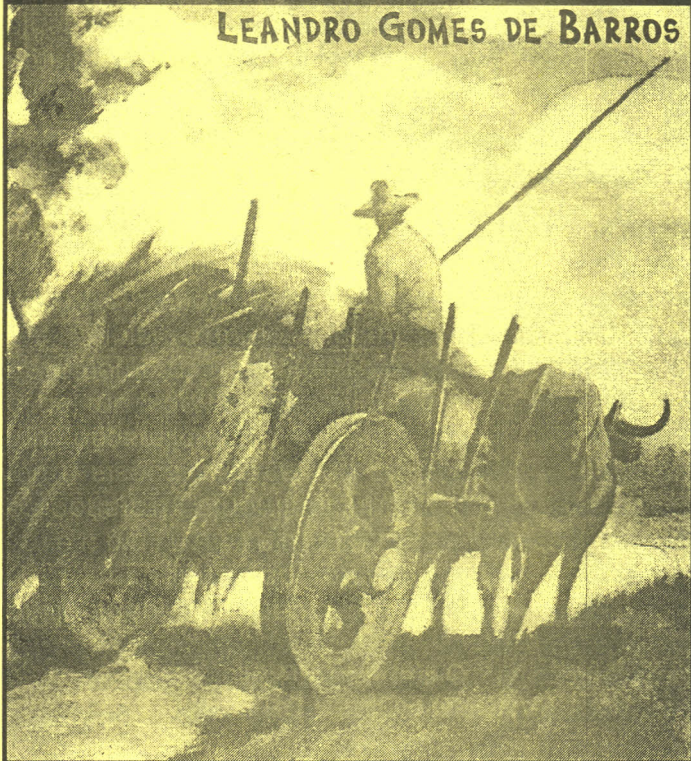


SUSPIROS DE UM SERTANEJO

LEANDRO GOMES DE BARROS



Campina Grande - Paraíba - Brasil - 07/2008

LEANDRO GOMES DE BARROS O Rei do Cordel.



Quem é quem. Não gosto da endeusar nem "reificar" ninguém, principalmente tratando-se de poeta, pois, poesia é um instante de sublimação, um momento de graça, um lapso de gênio, um fragmento de luz inesperado e fugidio.

Um poema pode ser bom, mas, só parte ou partes dele será genial, no entanto, para não fugir a regra de que toda regra tem exceção gosto de chamar LEANDRO de: O REI DO CORDEL. Sua vasta obra, a diversidade de temas que abordou, o esmero que tinha com as rimas, a originalidade dos seus versos, o pioneirismo na composição e impressão de folhetos em larga escala e o privilégio de ter inserido definitivamente na paisagem cultural brasileira esse gênero literário fazem do menino de Pombal (cidade do Sertão paraibano) um incontestado Rei de cetro, coroa e majestade. SUSPIROS DE UM SERTANEJO é um encantador passeio pelas reminiscências do poeta. Estes versos servem para estudo, devaneio e principalmente para matar as saudades daqueles, que como eu, nasceram no campo.

Manoel Monteiro

SUSPIROS DE UM SERTANEJO

LEANDRO GOMES DE BARROS

01 - Minha alma triste suspira
Em deslumbrante desejo:
Eu choro por minha terra
Há tempos que não a vejo:
São suspiros arrancados
Do peito de um sertanejo

02 - Morro não me esqueço
De tudo que encerra
Essa santa terra
Meu sagrado berço!
Meu sertão de apreço
Solo abençoado
Hoje desterrado
Me vejo proscrito
Arrancando um grito
De um peito cansado.

03 - Hei de cantar as belezas
Daquela terra encantada.
Só digo o que ela tiver
Não quero exagerar nada,
A natureza lhe deu
Nome de Jardim de Fada.

04 - E como devera
Não há mais mimosa
Parece uma rosa
Pela primavera!
Oh! Deus! Quem me dera
As coisas dali,
E ver o que vi
Enquanto criança,
Mas essa esperança
De todo perdi.

05 - Deslumbra a alma que vê
Aquele grato arrebol
Quando a brisa fresca e mansa
Bafeja ao sair do sol
Pela biqueira da casa
Canta alegre o rouxinol.

06 - Que manhãs saudosas!
Que horas de amores!
Quando os Beija-flores
Com asas garbosas,
Com penas lustrosas
Vêm se peneirando
E examinando
Ver se o Camará
Ou o Maracujá
Já estão florando!

07 - As tardes lá são tão belas
E chamam tanto atenção
Que embrandecem de momento
O mais duro coração,
Não pode cantar no mundo
Quem nunca foi ao sertão.

08 - Quem nunca passou
Pelo Seridó
E pelo Piancó
Nunca viajou,
Não saboreou
O mel de Abreu
Um desses nasceu
Em hora esquecida
Passou pela vida
Porém não viveu.

09 - Aquela terra de amores
Do meu coração não sai
Visito-a sempre nos sonhos
As noites minh'alma vai
Ver a terra onde primeiro
Chamei mamãe e papai...

10 - Não posso deixar
De cantar a terra
De lá uma serra
Não deixo passar!
Meu amor, meu lar,
Meu bem, meu prazer
Para que viver
Afastado dela,
Olhando pra ela
Queria morrer.

11 - Ali, nas noites de lua
As crianças nos terreiros
Correndo descalças, nuas
E fitando os nevoeiros
A esperar que a lua
Nascesse atrás dos outeiros.

12 - Meninos levados
Em noites de glórias,
Os pais contam histórias
De séculos passados,
Príncipes encantados,
Botija enterrada,
Fortuna dobrada
E reinos de outrora
Até vir a hora
De comer coalhada.

13 - Muitas dessas belas noites
Passei eu tão descansado
Quando a idade era um sonho
A vida um mundo dourado,
Os dias, campos com flores,
As noites, berço encantado.

14 - Eu era pequeno
De nada entendia
Brincava e corria
Exposto ao sereno,
Naquele terreno
De grande tamanho
Hoje até me acanho
De exaltar ele
Porque tomei nele.
Meu primeiro banho.

15 - Lá a vida é descansada
De Agosto pra Setembro
Broca-se logo o roçado
Toca-se fogo em Novembro
Fica aguardando as primeiras
Trovoadas de Dezembro.

16 - Quando na espera
Do inverno estamos
De manhã olhamos
Para a atmosfera
Vemos na esfera
O tempo mudado
O vento parado
O sol diferente
E já no nascente
Nevoeiro amado.

17 - O sol nasce muito brando
O vento desaparece
De noite na lua há círculo
E o nascente escurece
O gado urra no campo
O chão de várzea umedece.

18 - Tudo a esperar
Olha de hora em hora,
Diz, parece agora
Que ouvi trovejar
Ouvi ressoar,
Presenciei bem,
Não fica ninguém
Que não vá olhar
Para observar
Se é chuva que vem.

19 - Olha-se para o nascente
Vê-se aquela escuridão
As nuvens aglomeradas
Tomando de vão em vão,
Sopra o vento, abre o relâmpago
Com pouco estronda o trovão.

20 - Sangram os nevoeiros,
O chão se alagando
A água arrastando
Paul dos outeiros
Buscando ribeiros
Para eles unir-se
Então extrair-se
Do céu um tesouro
Esse riso de ouro
Que faz tudo rir-se.

21 - Chove, por exemplo, hoje
Eis o festim no Agreste
Canta o sapo na lagoa
O canário no cipreste,
Cupim cria asa e voa
Com pouco o mato se veste.

22 - Flora o Camará,
Enrama o Pereiro,
Marva e Candeeiro,
Cocão, Trapiá,
Mufumbo e Ingá
Angico, Aroeira,
Jurema, Craibeira,
Catinga-de-porco
Demora-se um pouco
Por ser mais ronceira.

23 - Com a chegada da chuva
A passarada em folia
Parece se reunir
Para festejar o dia
É uma festa sublime
De cantiga e poesia.

24 - Os Guriatãs
E os Curiós
No rio os Socós
E as Jaçanãs,
As Maracanãs,
As Mexeriqueiras,
Tetéus, Lavadeiras,
Saem os Pirilampos,
Os Poldros nos campos
Disputam carreiras.

25 - O saudoso Sabiá

Cantando alegre de seu

E a Graúna nos ares

O Xexéu e o Sofreu

Como quem diz um ao outro,

Não sabes, mano? Choveu!

26 - Apitam os Nambus,

Geme as Juritís,

Voa a Codorniz,

Grasnam os Urubus,

Passeiam os Jacus,

Canta a Seriema,

Escaramuça a Ema,

A Marreca voa

Dentro da lagoa

O Putrilhão rema.

27 - Chove ali dois ou três dias

Depois que a chuvada passa

A vida pulsa nos campos

A ave, a formiga, a caça,

Cantam sapos na lagoa

Parece música na praça.

28 - Ensaia primeiro
Mestre Cururu
Num turututu
Que é um desespero!
Chia o Caldeireiro,
Berra o Sapo-boi
Um repete: Oi,
O outro: Aleluia!
A Rã raspa a cuia,
Diz outro: Foi, foi.

29 - Depois que chove dez dias
Ali todo mato flora
Toda abelha que existe
Vai e vem a toda hora
Pousa na flor, tira pólen
Depois voa e vai embora.

30 - Chega a Tataíra,
Boca-de-limão,
Vem o Sanharão,
Canudo e Cupira,
Chega a Jandaira,
Moça-branca, Exu,
Jati, Capuxu,
Mosquitinho-da-praia,
Vem a Mandaçaia,
Tubiba, Uruçu.

31 - Pulam os carneiros no pátio,
Urra o touro com assombro
Torcendo o mato nos chifres
Fazendo na terra um rombo
Cavando terra com o casco
Jogando terra no lombo.

32 - Os bodes berrando,
Correndo os garrotes
E os novilhotes
Pontas amolando,
Cabritos saltando
Pelos tabuleiros
Descem dos outeiros
As cabras paridas
Porque são tangidas
Por Pais-de-chiqueiros.

33 - Deixemos agora aqui
A vida dos animais
Tratemos da vida humana
Que nos interessa mais
Com relação ao inverno
A riqueza que nos traz.

34 - O agricultor

Diz com grande espanto

Amanhã eu planto

Seja como for!

Com trabalhador

Faço a plantação

Está molhado o chão

Vou lá com meu filho

Ele planta o milho

Eu planto o feijão.

35 - Diz a mulher: Meu marido

Agora que me recorda

De lhe dizer que não plante

Fava nem Feijão-de-corda,

Diz o velho: Minha velha

O que não nos mata engorda...

36 - Há muito quem diga

Faltas que ele tem

Mas se come bem

Enche-se a barriga!

Só não planto urtiga

Porque não se come

Mas se ele se some

Que se fará dele?

Muitas vezes ele

Matou-nos a fome.

37 - Segue a rapaziada

Dão começo a plantação

Os moços cavando a terra

Velhos plantando feijão

A velha mais as meninas

Plantam milho e algodão.

38 - Plantado em Janeiro

Se a chuva não falta

Não tendo lagarta

Até Fevereiro

O Jerimunzeiro

Vai logo estendendo,

O milho crescendo

Já no fim de Março

Não tendo embaraço

Alguns vão comendo.

39 - De Abril pra chegar Maio

Já é enorme a fartura

Vai se batendo o feijão

Tem muita fava madura

Começam virar o milho

A lavoura está segura.

40 - São João animado
A terra está rica
É tanta canjica,
Tanto milho assado!
O samba trincado
Em toda casinha
Da sala a cozinha
O povo a cantar,
Viola a tocar
Dançar Mulatinha.

41 - Meu leitor ia esquecendo
De tratar da criação,
Não só matava a história
Como atrasava a ação
Visto o começo da obra
Ser dirigido ao Sertão.

42 - Com todo cuidado
Diz o fazendeiro:
- Eu mando o vaqueiro
Ajuntar o gado
E ele apressado
Faz-se logo ao val
Pelo matagal
Segue a vaqueirama
Aboiando chama
O gado ao curral.

43 - É belo ver-se nos campos
Os vaqueiros encourados
Tangendo aboio saudoso
Dando a conhecer aos gados
Que compareçam a revista
Como se fossem soldados.

44 - É o criador
Que ao gado ensina
Pela disciplina
Que é o senhor
Vá aonde for
Gado não se esconde
E no lugar onde
Ouvem aboiar
Pega a se juntar
E urrando responde.

45 - Essa revista que eu falo
Chama-se de apartação
Uma das maiores festas
Mais faladas no Sertão
Nem um carnaval da praça
Tem tanta apreciação.

46 - Quem no mês de Abril
Por ali andou
Diz que já passou
Por belezas mil
Viu um céu de anil,
Um campo de ouro,
Viu um grande touro
Vir dos matagais
E um vaqueiro atrás
Com vestes de couro.

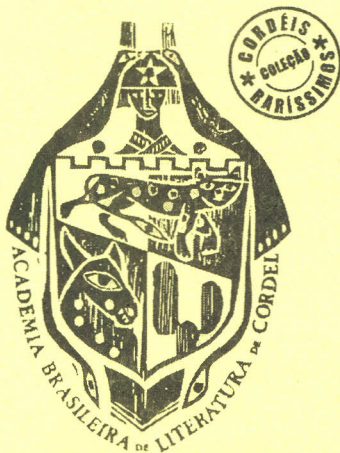
47 - Então naquela fazenda
Que o gado há de se juntar
Há uma festa soberba
Tem muito que apreciar
O resto daquele ano
Inda se ouve falar.

48 - É na apartação
Que ver-se os valores
Dos vaquejadores
Que há no Sertão
Quando um Barbatão
Espirra ligeiro
Grita-lhe o vaqueiro
- Trate de correr!
Havemos de ver
Quem cansa primeiro.

49 - O cavalo que já é
Costumado a vaquejar
Se aproxima do boi
Para o vaqueiro pegar
De fora a gente só ver
É o mocotó passar.

50 - É belo ver a chegada
Do gado para o curral
Os vaqueiros encourados
Tirando o gado do val
Cuidando que os novilhos
Não entrem no mufumbal.

51 - O touro se vê
No sol muito quente
Vaqueiros na frente
Não o deixam correr
Pega a arremeter
Fazendo explosão
E faz a menção
De fugir ligeiro
Mais forte o vaqueiro
Estende-o no chão.



Rua Leopoldo Fróes, 37 - Santa Tereza - Rio de Janeiro
Tel.: (21) 2732-4801 - contato@ablc.com.br
www.ablc.com.br

**O CORDEL FACILITA O TRABALHO
DO PROFESSOR NA SALA DE AULA.**

CORDELARIA POETA MANOEL MONTEIRO

Dispõe de um variado sortimento de cordéis.

Envia para todo Brasil, sob pedido.

Rua Vigário Virgínio, 52 - Santo Antonio
CEP 58103-340 - Campina Grande - PB

FONE: (83) 3341-6536

E-mail: montvat@hotmail.com



Impressos em Off-Set e Carimbos

Rua Augusto Severo, 16 (Próxima a Cagepa)

Centro - Campina Grande - PB

FONE: (83) 3321-3141

E-mail: campgraf@bol.com.br



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).